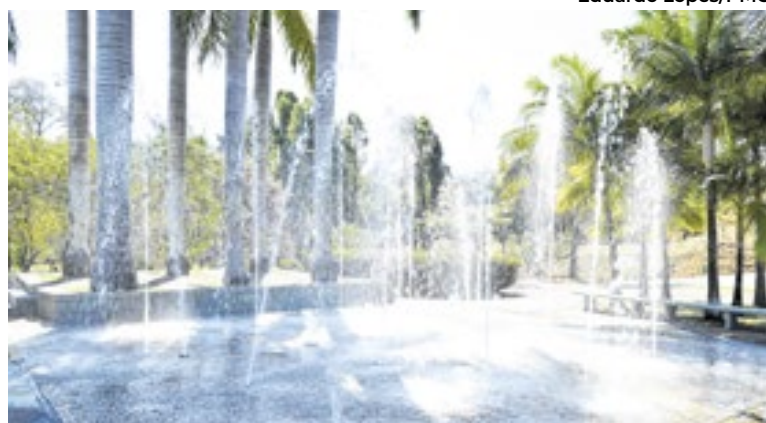


Carlos Bassan/PMC



Parque das Águas, em Campinas: área aproximada de 295 mil m2 inclui mata nativa e uma variedade de animais que encantam os frequentadores

Eduardo Lopes/PMC



Jatos são acionados em estrutura no solo, cortando os espelhos d'água, inferindo movimento

PROJETO EM FLUXO PERMANENTE

Equilibrando lazer e fragilidades, área verde segue em metamorfose

Por Ana Carolina Martins

Há parques que nascem da memória. Outros, da necessidade. O Parque das Águas, no quadrante Sul de Campinas, nasceu de uma ideia e, talvez por isso, a sua história seja menos sobre o que já foi e mais sobre onde quer chegar e ser.

Inaugurado em 8 de dezembro de 2007, em uma região que se encontrava em plena expansão imobiliária, entre bairros como o Parque Prado e o Parque Jambeiro, a nova área verde não herdou trilhas antigas nem fazendas adaptadas ao uso público. Ele foi concebido, desde o início, como um equipamento urbano completo, planejado para reunir lazer, educação ambiental e preservação em torno de um mesmo eixo central: a água.

Miniparaíso

O parque, com área aproximada de 295 mil m2, inclui mata nativa e uma variedade de animais que encantam os frequentadores. A estrutura reúne dois lagos, espaço para caminhada e pista de corrida, playground e chafariz infantil, e oferece água potável, banheiros públicos, lanchonete, quiosques para piquenique e academias ao ar livre.

Anexo ao Parque das Águas, o Museu da Água reúne diversas instalações distribuídas nas áreas interna e externa do museu. Cada uma delas apresenta, de maneira lúdica e interativa com o público, a água, enquanto elemento garantidor da vida e do equilíbrio ambiental do planeta.

Não por acaso, a sua gestão está ligada à empresa responsável pelo abastecimento de água, tratamento e coleta de esgoto no município, a Sociedade de Abastecimento de Água e Sa-

neamento S/A (Sanasa). Sua estrutura abriga o Centro de Conhecimento da Água, espaço que pretende traduzir para o visitante do parque a complexa relação entre a cidade e seus sistemas de abastecimento.

Experiência sensorial

Do lado de fora, entretanto, o parque se firmou mais pela experiência sensorial do que pela didática. O espaço verde organiza-se em trilhas, áreas de convivência, playgrounds, dois lagos artificiais e gramados que convidam ao uso cotidiano.

Famílias, corredores, crianças, idosos... todos encontraram ali, ao longo dos anos, um refúgio possível dentro do município. Em períodos específicos, jatos de água são acionados de uma estrutura no solo, cortando os espelhos d'água, inferindo movimento à paisagem.

O parque se consolidou como um local com presença de fauna urbana em Campinas, onde capivaras caminham pelos gramados com naturalidade, aves se concentram nas margens dos lagos, tartarugas disputam áreas de sol, saguis surgem entre galhos e, ocasionalmente, pavões e esquilos complementam o cenário. É um microcosmo ambiental que resiste, mas que também requer cuidados constantes.

É justamente na água que esse equilíbrio se revela mais frágil. As lagoas artificiais, elemento central da identidade do parque, demandam manejo técnico contínuo e, quando esse processo falha ou se torna irregular, os sinais aparecem rapidamente.

Frequentadores relatam, em diferentes períodos, água turva, acúmulo de resíduos e inter-

venções pontuais de limpeza. Em um parque cujo conceito gira em torno da água, a qualidade visual e ambiental desses lagos se transforma em termômetro direto da gestão.

Espaço cultural

Durante muitos anos, o Parque das Águas se manteve como espaço de uso cotidiano, sem protagonismo no circuito de grandes eventos da cidade. Mais recentemente ele passou a ser também um espaço cultural, ainda que de modo pontual.

Em dezembro de 2023, recebeu um concerto gratuito da Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas, sob regência do maestro Carlos Prazeres. A apresentação emocionou o público, que ocupou expressivamente um parque sem histórico de grandes plateias.

No ano seguinte, em 2024, voltou a ser palco da orquestra, desta vez com o espetáculo "Belchior Sinfônico", obtendo grande alcance. Contudo, sua vocação artística aparece em lampejos intensos, porém irregulares, como as próprias águas que jorram por lá.

Respiro da metrópole

O parque segue frequentado, vivido, incorporado à rotina da população. Entretanto, enfrenta desafios persistentes como a manutenção das lagoas, conservação dos equipamentos e a expectativa de contar com uma agenda de eventos culturais mais intensa. É, em essência, um parque que funciona, mas que ainda não se realiza plenamente.

No fim da tarde, quando o sol se reflete na superfície da lagoa, estando ela devidamente limpa ou não, pouco disso parece importar para quem ocupa aquele espaço de respiro na nossa metrópole. Crianças continuam correndo, famílias se espalham pelos gramados, as capivaras seguem seu ritmo indiferente ao planejamento urbano.